



RESENHA

“O homem bicentenário”, de Isaac Asimov

Francisco Gonçalves da Conceição¹

DOI: <https://dx.doi.org/10.18764/2178-2865v28n2.2024.38>

O conto “O Homem Bicentenário”, de Isaac Asimov, foi originalmente publicado pela “The Magazine of Fantasy and Science Fiction”, em 1976, nos Estados Unidos. Posteriormente, na antologia “The Bicentennial Man and Other Stories”. Alguns anos depois, esse conto foi recontado e ampliado no romance “The Positronic Man” (1993), em parceria com Robert Silverberg. Essa nova versão amplia a narrativa e as questões suscitadas pela jornada de Andrew, um robô que ansiava pela liberdade de ser humano. A mesma história foi adaptada também para o cinema, com o mesmo título do conto, estrelada por Robin Williams no papel de Andrew e direção de Chris Columbus (1999). O filme foi lançado no Brasil no ano seguinte. A adaptação para o cinema popularizou ainda mais a saga de Andrew e renovou o interesse pela sua jornada. Em 2023, a Aleph, editora brasileira especializada em obras de ficção científica, lançou uma edição especial desse conto de Asimov, com tradução de Aline Storto Pereira.

“O Homem Bicentenário” é a história de um robô doméstico, fabricado pela United States Robots, que toma consciência de si e desenvolve o desejo de se tornar humano. Andrew foi adquirido pela família Martin para realizar tarefas domésticas, mas logo demonstra curiosidade e capacidade de aprendizado incomuns. Ao longo dos anos, Andrew demonstra sentimentos, criatividade e um profundo desejo de reconhecimento. Ao questionar sua própria existência e a buscar um significado mais profundo para a sua vida, expressa a vontade de ser livre. No decorrer do tempo, ele se torna cada vez mais humano em seus pensamentos, sentimentos e ações. Em razão dessas mudanças busca modificar o corpo para que pudesse se identificar como humano, com o que sentia

¹ Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ e professor do Departamento de Comunicação Social da UFMA.

em se reconhecer como humano. E isto implicava em lutar pra que seus direitos fossem reconhecidos pela sociedade, para que a sociedade reconhecesse a sua humanidade.

A busca pelo reconhecimento do outro e pela afirmação da condição de sujeito leva Andrew a questionar o modo aplicação das três leis da robótica. A saber: 1. Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano venha a ser ferido; 2. Um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei; 3. Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou com a Segunda Lei. Essas três leis, criadas por Asimov, foram publicadas em contos anteriores à década de 1940. Em 1950, essas leis vão aparecer de forma mais sistematizada, pelo menos da forma como foram popularizadas no conto o “Círculo Vicioso”, que integra a coletânea “Eu, Robô”, publicada no período marcado pela Guerra Fria, início da era atômica e do macartismo. No campo científico, foi um período de avanços tecnológicos, impulsionados pela Segunda Guerra Mundial e início da era da computação. No Brasil, a editora Aleph lançou uma nova edição em 2014. O capítulo em questão foi traduzido para o português como “Andando em Círculos”.

Com um cérebro positrônico, Andrew vivia uma disforia, ou seja, um estado de desconforto emocional em relação à sua aparência e à sua constituição robótica e ao seu desejo de ser uma pessoa humana e de ser reconhecido como um ser humano. O fato de vestir roupas humanas para cobrir a sua estrutura metálica não implicou automaticamente em um reconhecimento, embora já fosse pública a sua história. Na relação com os outros, e não apenas com a família Martin, e na reflexão sobre os seus sentimentos e de como era afetado pelos outros, Andrew chega a uma conclusão vinculativa entre a busca da humanidade e a busca da liberdade. – “Por que quer ser livre, Andrew? (...) Em que sentido isso importará para você?”. – “O senhor gostaria de ser escravo, meritíssimo? (...). – Mas, você não é escravo. Você é um robô perfeitamente bom, um robô genial, segundo me deram a entender, com uma capacidade inigualável de se expressar artisticamente. O que mais poderia fazer se fosse livre?” – “Talvez não mais do que faço agora, meritíssimo, mas com mais alegria. Foi dito aqui, neste tribunal, que só um ser humano pode ser livre. Parece-me que apenas aquele que deseja a liberdade pode ser livre. Eu desejo a liberdade”. (...) “E essa foi a deixa para o juiz. – Não é direito negar liberdade a qualquer objeto com uma mente avançada o suficiente para entender o conceito e desejar essa condição”. Andrew, ao descobrir os seus sentimentos em relação a si e aos outros, descobre também que só é livre quem escolhe o seu modo de viver, de ser, pois essa é uma condição humana fundamental.

Mas qual o interesse dessa história para a ciência e para a nossa época? O conto de Asimov foi publicado em um período marcado por grandes transformações tecnológicas e sociais, que

influenciara significativamente a narrativa do autor, em particular, e da ficção científica em geral. A Guerra Fria ainda era uma realidade e a corrida tecnológica, disputada entre os Estados Unidos e a União Soviética, continuava a moldar a percepção pública sobre ciência e tecnologia. Do mesmo modo, a década de 1970 foi marcada por avanços significativos na eletrônica, na computação e na robótica. O surgimento dos microprocessadores e a popularização dos computadores pessoais criaram um clima de otimismo em relação ao futuro e à tecnologia. Essa também foi uma época bastante frutífera para as pesquisas em inteligência artificial. Os cientistas começavam a explorar a possibilidade de máquinas autônomas e capazes de tomar decisão. A robótica industrial e a robótica de serviço estavam em ascensão. As ciências da vida registravam significativos avanços, sobretudo na genética e na biologia molecular. A perspectiva de estender a vida humana e modificar o corpo humano deixava de ser uma fantasia ou mera história de ficção científica.

A nova edição da *Aleph* coincide com o crescente debate científico sobre uma nova era geológica, denominada por uns de Antropoceno e, por outros, de Capitaloceno ou Tecnoceno. Embora diferentes, os termos enfatizam aspectos das transformações que deram origem a essa mudança geológica, mas que não podem ser pensadas isoladamente. A visão antropocêntrica enfatiza a espécie humana como principal força motriz das mudanças globais, como aquecimento global, perda da biodiversidade e acidificação dos oceanos. Essa visão é criticada por generalizar a responsabilidade humana, sem considerar as desigualdades sociais e econômicas que impulsionam essas mudanças. Essa crítica deu origem ao Capitaloceno, que destaca o papel do sistema econômico capitalista na exploração desenfreada dos recursos naturais e das desigualdades sociais. Mas, essa visão também é criticada por obscurecer outros fatores importantes, como as mudanças tecnológicas e as dinâmicas culturais. É isso que o conceito de Tecnoceno vai enfatizar, ao destacar o impacto das tecnologias, desde a Revolução Industrial até a atual era digital, na forma como interagimos com o meio ambiente. Ocorre que essa visão é criticada por simplificar a complexidade das relações entre sociedade e natureza e atribuir um papel determinante à tecnologia. No entanto, esses conceitos não são mutuamente excludentes, como indicam ou pode ser interpretado a partir das leituras de obras como “Enfrentando o Antropoceno”, de Ian Angus (Boitempo, 2023); “Antropoceno ou Capitaloceno?”, organizada por Jason W. Moore (Elefante, 2022). E ainda, sem tradução no Brasil, “Tecnoceno: algoritmos, biohackers y nuevas formas de vida”, de Flávia Costa (Taurus, Buenos Aires, 2021).

Uma visão ampla e complexa do problema permitirá observar outras mudanças que compõem essa era e têm profundas relações com o contexto em que essa obra foi publicada. Se a primeira publicação nasce em um contexto de grandes descobertas científicas, essa última edição surge em um contexto marcado pela emergência climática e pela Inteligência Artificial. No caso, a

articulação crescente entre a robótica, a engenharia genética e a inteligência artificial, não apenas como especulação ou fantasia, mas como possibilidade objetiva, como a fusão do ser humano, do biológico, com a Inteligência Artificial, tema explorado pela literatura científica e antecipado pela ficção científica. Entre muitas das obras publicadas a respeito, destacam-se “A Singularidade Está Mais Próxima”, de Ray Kurzweil, pela editora Goya (2024), selo da Editora Aleph Ltda. E ainda “A Próxima Onda: inteligência artificial, poder e o maior dilema do Século XXI”, de Mustafa Suleyman e Michael Bhaskar, publicado pela Record (2024). Em comum entre esses autores, o acesso privilegiado à indústria da computação, que sustenta suas respectivas especulações futuristas sobre as transformações em curso no planeta e sobre a atualidade da jornada de Andrew, em um ato consciente pela liberdade de ser humano, como decisão política e ética.

Há alguns anos, Douglas Rushkoff, especialista em cultura digital, escreveu um livro “La supervivencia de los más ricos: Fantasias escapistas de los millonarios tecnológicos”, publicado pela editora Capitán Swing (Madrid, 2022). Ainda não publicada no Brasil, a obra discute as fantasias escapistas daqueles que hoje decidem os usos (e abusos) das tecnologias. É uma reflexão oportuna, sobretudo quando a fusão entre o biológico, a robótica e a IA estaria próxima, invertendo a narrativa proposta por Isaac Asimov. Ou, em outra perspectiva, atualizando a narrativa da jornada de Andrew como um alerta sobre a nossa humanidade, a nossa liberdade, já que essa jornada apresenta desafios científicos, éticos, sociais e políticos. Diante de seus próprios desafios para ser reconhecido como humano, Andrew renunciou à imortalidade, por exemplo. Os super ricos sonham com a imortalidade. Eis o paradoxo. No centro desta questão reside um aspecto central que diz respeito ao que conquistamos ao afirmar a nossa humanidade, ou a dignidade da vida humana, bem representada na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Estaríamos no limiar de uma ruptura evolutiva, com o surgimento de uma nova espécie? Sobre esse novo ser, a ficção científica já apresentou diversos nomes, como “ciborgue”, “transumano”, “android”, “biodigital”, entre outros.

Neste cenário do Antropoceno, com todas as suas camadas interligadas, como pode a leitura de “O Homem Bicentenário” contribuir para o debate popular sobre a ciência e as mudanças em curso, e para a decisão política sobre o uso da tecnologia? Diria que “Homem Bicentenário” continua sendo um excelente convite para uma reflexão sobre o que significa ser humano em um mundo cada vez mais marcado pelas desigualdades, pelas incertezas climáticas e ambientais e pelo uso das tecnologias. A obra de Isaac Asimov desafia o pensamento crítico sobre as implicações éticas, sociais e políticas da inteligência artificial e da busca pela imortalidade. As questões levantadas por essa história continuam relevantes. Há um sentido profundo e solidário na decisão de Andrew em morrer para ser reconhecido como pessoa. Ele queria fazer parte da humanidade e isso significaria compartilhar um

RESENHA

destino comum. Ou seja, não quis o papel do prometeu, do deus, que se imortaliza na mortalidade dos demais. Esse gesto vai na contramão de empresários como Elon Musk, que sonham em construir pequenos paraísos na Terra, ou fora dela, enquanto o capitalismo canibaliza a natureza e as relações sociais nas quais e pelas quais nos reconhecemos como pessoas.

Ao questionar o estatuto da técnica, em uma conferência sobre a “Questão da Técnica”, Heidegger (Paulus, 2020), destaca que a técnica não é da ordem do fazer, mas da ordem do criar, pois torna presente o que não existia antes. De outro modo, Heidegger destaca o profundo vínculo entre técnica, criação e imaginação. Já é lugar comum dizer que antes de existir algo, esse algo existiu em nossa imaginação. A tecnologia tem sido uma das formas de imaginar mundos possíveis. Mas a técnica existiria isolada da política, da tomada de decisão? Milton Santos contestou, em sua vasta obra, essa separação entre técnica e política, pois os usos e aplicações desta derivam da segunda. E toda decisão política exige cálculo estratégico, mas também decisão ética. Ou seja, a justa e necessária reflexão de como os meus atos vão afetar os outros. A jornada do Homem Bicentenário afeta profundamente seus leitores, sobretudo pela decisão para ser reconhecido como humano. Compartilho da ideia de que a longevidade expressa cuidados individuais e coletivos, com base no avanço da ciência. O problema é se essas conquistas serão de uns ou se serão compartilhadas com todos e todas, com superação das desigualdades sociais, políticas e econômicas, reproduzidas pelo capitalismo. – “Como pode valer a pena? Andrew, você é um tolo. – Se me trazer humanidade, valerá a pena. Se não trazer, vai pôr um fim na luta, e isso valerá a pena também. E Li-Hsing fez algo que surpreendeu a si mesma. Discretamente, começou a chorar”.

REFERÊNCIAS

ASIMOV, Isaac. **O homem bicentenário**. São Paulo: Editora Aleph, 2023.